

## A quem importa o tempo?

A Parashá Bo segue a cronologia de Moshé ainda no Egito, descrevendo a oitava, nona e décima pragas, e as repetidas convocações do Faraó a Moshé e Aaron após cada uma, repletas de tentativas frustradas de negociar a libertação do povo hebreu da escravidão, que finalmente iria se concretizar após a última e mais dolorosa praga, a morte dos primogênitos. Neste momento, Deus descreve a Moshé e Aaron a celebração de Pessach e muitos dos *minhagim* (costumes) como conhecemos hoje, entre os quais a proibição do chametz e a tradição de comer *matzot*.

Um dos elementos que chama a atenção nesta Parashá é a apresentação do Faraó não apenas como um déspota e tirano, mas como um ser humano, que se desespera, que teme por si e por seu povo conforme as pragas assolavam o Egito. Após os gafanhotos, o Faraó admite que pecou ao não libertar o povo e pede perdão. A descrição detalhada das pragas e da devastação por elas causada aos egípcios abre margem para uma interpretação de que, para a Torá, é relevante que nos importemos não apenas com a saga heroica em direção à liberdade liderada por Moshé, mas que sintamos alguma compaixão pelo povo egípcio. Não por acaso, todos os anos no Seder de Pessach tiramos 10 gotas de vinho dos nossos copos, para lembrarmos com pesar o sofrimento daqueles que nos oprimiram e escravizaram.

Mais adiante, Deus diz a Moshé e Aaron que “este mês seja para vós princípio dos meses” (Shemot 12:1), inaugurando uma das 4 contagens do ano que existem no Judaísmo. Nesse momento, o povo hebreu iniciava um processo de transição, da escravidão para liberdade, que posteriormente viria a ser concretizado com a entrega dos Dez Mandamentos no Monte Sinai. Esse processo marca a constituição de um povo de fato, responsáveis por seu próprio destino. E, nesse contexto, passa a ser valorizada a contagem do tempo. O tempo apresenta um papel central no Judaísmo ao longo dos séculos, com a celebração de festividades que coincidem com o ciclo agrícola, além da valorização da continuidade e sentimento de pertencimento entre as gerações, cujo mais emblemático exemplo se encontra nessa parashá: “E anunciarás a teu filho naquele dia, dizendo: Por isto me fez o Eterno sair do Egito.”

Ao escravo não importa o tempo. O dia de amanhã não será, pois sua existência, segundo Rashi, é como uma noite eterna. No momento que o povo se torna livre, começamos então a contar o tempo, a nos importarmos com o amanhã, com os próximos meses e anos e, por que não, também séculos e milênios. Almejamos um mundo em que todos os povos possam contar seu tempo. Que todo indivíduo tenha o direito de determinar o que será de seu amanhã.

Shabat shalom,

Felipe Kaufman Gorodovits